

## A construção da identidade docente por uma estagiária neurodivergente

### Comunicação

#### GT12 -

#### Ensino de música, inclusão e anticapacitismo

*Fernanda Gomes de Souza*  
*Universidade Estadual de Maringá*  
*fernandagomesouz@gmail.com*

*Aline Clissiane Ferreira da Silva*  
*Universidade Estadual de Maringá*  
*alineclissianesilva@gmail.com*

**Resumo:** O presente relato descreve o trajeto de uma estagiária neurodivergente em seu primeiro contato com o trabalho docente na disciplina de Estágio Supervisionado I, mostrando seu ponto de vista no processo de construção de sua identidade docente. Com apoio de revisão de literatura sobre Ansiedade Social e Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade e reflexões sobre as problemáticas que surgiram ao longo do caminho enquanto atuava como estagiária, o trabalho propõe fomentar as discussões sobre a profissionalidade emergente e trazer um novo olhar aos casos singulares que podem ocorrer durante a formação docente de estagiários da área.

**Palavras-chave:** Estágio Supervisionado Curricular, Identidade docente, Neurodivergência.

### Introdução

A escrita deste relato nasce da minha vivência ao longo da disciplina de Estágio Curricular Supervisionado I do curso de graduação em Música na habilitação de Licenciatura em Educação Musical da Universidade Estadual de Maringá. A realização desta disciplina permite que a estagiária entre no meio profissional, e mesmo de maneira preliminar, mobilize competências e gestos profissionais específicos do exercício da profissão (Pires, 2015, p. 41). Foi no contato com este novo mundo do trabalho que compreendi a natureza interativa da profissão docente, "o trabalho docente é tido como um trabalho não-material e, sobretudo,

uma forma laboral na qual o trabalho ocorre sobre e com outro ser humano" sendo, portanto, de natureza interativa (Tardif apud Alves, 2024, p. 12).

Formada em Composição pela mesma universidade. Iniciei meus estudos em 2020, ano de pandemia, com aulas realizadas pelo ensino ERE (Ensino Remoto Emergencial), tendo acabado de vivenciar experiências negativas no ensino médio, os primeiros sinais do TAS surgiram. Mesmo depois de 2 anos os sintomas não sumiram, pelo contrário, continuaram inalterados e intensos por conta da falta de exposição social que o lockdown trouxe (Vasconcellos, et. al., 2022, p.781). Atualmente também experiencio a descoberta do diagnóstico do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade. Com as sombras dos dois diagnósticos em um ambiente escolar onde o objetivo é a minha formação docente, mais um processo de autodescoberta se cria, agora sobre minha identidade profissional.

Estabeleci como objetivo para a escrita deste relato descrever minha experiência e autodescoberta enquanto professora estagiária de música na escola de educação básica sendo uma pessoa neurodivergente atuando em um ambiente onde as relações profissionais são interativas.

A seguir, apresento uma breve literatura sobre minhas características particulares e características particulares da profissão docente. Por fim, relato minha experiência dentro do ambiente escolar, destacando algumas das situações em que os sintomas da Ansiedade Social e do TDAH se sobressaíram dentro de minhas percepções.

### **Características que constituem a minha natureza e a natureza interativa da profissão docente**

Segundo Campos, o transtorno de Ansiedade Social (TAS), também conhecido como Fobia Social, "se constitui por medos e ansiedades voltados para quaisquer situações sociais, situações em que o indivíduo é exposto a um possível julgamento ou avaliação por outras pessoas" (Campos, et. al., 2021, p. 185). É preciso se atentar que é normal sentir-se ansioso ao passar por situações sociais, a Ansiedade Social só é diagnosticada quando o excesso de ansiedade acaba comprometendo a qualidade de vida do sujeito, como afirma os autores:

Essa ansiedade e evitação duradouras geralmente resultam em comprometimento psicossocial clinicamente significativo, que interfere nas rotinas diárias, compromissos sociais, relacionamentos, ocupação e/ou

funcionamento acadêmico da pessoa (Ahmed M, et al., 2022 apud Silva, Souza, Neto, 2023, p. 3).

A pessoa que possui o transtorno sente medo desmedido de ser rotulado e avaliado negativamente por outros indivíduos, além de possuir medo de uma possível exposição de seus sintomas físicos como, tremores, sudoreses ou falha na dicção, chega ao ponto de “evitar comer, beber, pegar algo por medo de tremer as mãos, um com medo de transpirar pode evitar apertar mãos” (Campos, et. al. 2021, p.188). No meu caso, em muitas situações evitei relações sociais por “travar” diante o medo, evitando falar e muitas vezes participar mesmo tendo vontade de realizar tais atividades.

Devido a estes sintomas, o TAS muitas das vezes é confundido com a timidez, por mais que haja semelhanças entre as duas coisas, elas são distintas. Em minha vida sempre fui rotulada como tímida e quieta, quando agia de forma não esperada pelas pessoas à minha volta sempre recebia comentários desagradáveis sobre minha postura ou uma surpresa gritante por apenas estar agindo de maneira extrovertida. Estas ações externas além de contribuir para meu futuro diagnóstico reforçam um estigma do que uma pessoa introvertida é e sempre será. Por isso, o tratamento da ansiedade “se inicia com o seu reconhecimento e diferenciação de quadros de timidez (ausência de sofrimento e prejuízo)” (Levitan et al., 2011, p. 294 apud Campos, et. al, 2021, p.188).

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade é caracterizado como uma

condição neurobiológica caracterizada pela desatenção e/ou hiperatividade e impulsividade (Associação Americana de Psiquiatria, APA, 2022). Embora seja mais comumente associado à infância, o TDAH também pode persistir na vida adulta, afetando diversas áreas da vida diária, como o desempenho escolar, familiar e profissional (Castro & Lima, 2018 apud Oliveira et. al., 2024, p.774).

Para a contextualização deste - não só aqui, mas ao longo de toda a comunicação - não irei apenas utilizar os artigos da área da saúde, mas também de um trabalho em específico vindo de um curso de licenciatura em teatro. Com ele, além de trazer as perspectivas teóricas abordadas nos outros apoios literários consigo abordar também as relações entre mim e uma pessoa que escreve sobre viver com o transtorno, trazendo um paralelo entre o teórico e o prático e uma perspectiva com a qual me identifico muito.

Apesar de me afirmar como neurodivergente, ainda percorro o processo de diagnósticação com acompanhamento terapêutico, mas principalmente percorro o caminho de me autodescobrir neurodivergente. “A falta de compreensão sobre o TDAH na fase adulta frequentemente resulta em estigma, subdiagnóstico e falta de acesso a tratamentos adequados” (Rosa et. al., 2024, p. 3300). Nesse contexto de incompreensão e invisibilidade, o sujeito acaba por desenvolver uma baixa autoestima e por vezes quadros severos de depressão. O maior estigma sofrido pelas pessoas com TDAH é a da preguiça e a inferioridade, crescemos com a sensação de dever não cumprido, e nos sobrecarregamos muito mais a fim de tentar provar o contrário de algo que nos foi internalizado.

Preguiça, má vontade, falta de responsabilidade são coisas que ninguém vê de forma positiva e a vida toda ouvindo isso (direta ou indiretamente) sobre você é algo que, eventualmente, será internalizado (Magliano, 2022, p. 13).

Crescer com a sensação de inferioridade é ruim, mas crescer com esta sensação sem entender o motivo para tal fato, é muito pior. E quando conseguimos chegar a um diagnóstico, somos rotulados e descredibilizados por um pré-conceito afirmado por pessoas que possuem “uma visão simplista do que de fato é o transtorno de déficit de atenção e hiperatividade” (Magliano, 2022, p.10).

Como dito anteriormente, ainda experimento o processo de me autodescobrir com TDAH, e é justamente vivendo o estágio neste momento que descubro minhas diferenças com pessoas neurotípicas. Por isto, seria vago tentar contextualizar um diagnóstico apenas com esses parágrafos, levando em conta que eu ainda o contextualizo todos os dias em minha vida pessoal e profissional.

Sou uma estagiária da área da docência, tenho dificuldades em me atentar aos detalhes, tenho sensibilidade sensorial, falta de foco, desatenção e seguir rotinas ou planos demanda uma energia grande de mim. Sou uma estagiária que desde maio tenta se encaixar em sistemas com funcionamentos pré-definidos enquanto descubro meu próprio jeito de funcionar e lecionar, tudo isso vinculado a sintomas de ansiedade que prejudicam minha qualidade de vida. Com todos esses fatores, como é possível a construção de uma identidade profissional cuja natureza da ação é interativa?

É ao longo da licenciatura que se tem um contato mais orientado sobre “o conjunto de comportamentos, conhecimentos, destrezas, atitudes e valores que constituem a especificidade de ser professor” (Sacristán apud Pires, 2015, p.50). Essas combinações vão ganhando corpo e construindo juntas nossa identidade profissional, nossa forma de falar, nosso jeito de agir, a forma como analisamos, nossa postura ética, entre outros. Mas como nós, enquanto estagiários, construímos nossa profissionalidade no primeiro contato com o mundo de trabalho? A “profissionalidade emergente” discutido por Jorro (2011), se refere à “uma primeira construção do ser profissional pelos alunos em formação inicial, a partir da relação com o mundo do trabalho” (Pires, 2015, p.2).

Nair Pires (2020, p.147), reforça o caráter interativo que o estágio possui afirmando que é dentro da escola que o licenciando começará a ter contato “com o outro [...]; com a instituição escolar [...]; consigo mesmo [...]; com a ética da profissão professor [...]”. Pois bem, como eu, uma estagiária com neuro divergências, consigo desenvolver minha profissionalidade em um campo onde constantemente sou colocada em situações sociais, seja com adultos (professores, funcionários da escola etc.) e com as crianças da escola? É preciso dizer que esta pergunta não será respondida ao final desta comunicação pois ainda vivo em um processo emergente acerca de minha profissionalidade. Mas é a partir destas observações descritas a seguir que reflito não sobre o resultado da minha identidade profissional, mas sim, exatamente sobre o caminho que percorro até chegar nele.

## **O relato de uma estagiária neuro divergente**

Chegamos a um ponto neste artigo que devido a tudo o que foi escrito anteriormente talvez eu precise justificar o porquê da escolha de uma profissão de natureza interativa mesmo com o diagnóstico de um transtorno de ansiedade social. A primeira resposta que tenho é bem direta, eu não nasci com o diagnóstico. A ansiedade social pode vir acontecer em determinados momentos específicos como também se mostrar em múltiplos casos ao longo

da vida, é válido dizer que o TAS possui tratamento, “aproximadamente 13% das pessoas apresentam transtorno de ansiedade social em algum momento da vida”<sup>1</sup>.

Enquanto cursava a composição em anos anteriores, percebi o quanto o caminho solitário de um compositor pode ser, e quanto mais puxava matérias da licenciatura, mais me sentia conectada com a função de ensinar, principalmente o público infantil. Hoje, cada vez mais, o transtorno não me afeta de maneira exagerada, o que facilita meu processo de autodescoberta docente atualmente no estágio.

Neste relato, vou trazer três pontos vividos que exemplificam meu desempenho enquanto profissional que pode vir a ser diferente de outros colegas estagiários e professores de música, como minha relação com professores, com as crianças, posturas que precisei e preciso tomar para uma gestão de classe e sentimentos que atravessam minhas reflexões depois de experienciar a atuação.

### **Previsibilidade e postura docente**

Para pessoas com TDAH como eu, a previsibilidade contribui para além de um mero conforto, se torna essencial para o nosso pleno funcionamento. “A previsibilidade da rotina melhora a capacidade de manter a atenção nas atividades porque ela fornece pistas de como, quando e por que algo deve ser feito, preenchendo as lacunas da falha na memória de trabalho (uma das funções executivas afetadas pelo TDAH)”.<sup>2</sup> O ambiente escolar é feito por pessoas, cada qual com seu próprio modo de funcionamento, e nesse contexto as imprevisibilidades são muito frequentes. Por mais que se elabore um plano de aula 'redondinho', com todas as atividades encadeadas, com todos os recursos necessários para sua execução bem organizados... ainda é possível que ao chegar na escola me depare com situações que fogem do meu controle, como em um dia em que cheguei para estagiar e

---

<sup>1</sup> Frase retirada de Barnhill, John W. Transtorno de Ansiedade Social. Manual MSD. New York. 2023. <<https://www.msmanuals.com/pt/casa/dist%C3%BArios-de-sa%C3%BAde-mental/transtornos-de-ansiedade-e-relacionados-a-fatores-estressantes/transtorno-de-ansiedade-social>> Acesso em: 25/06/2025.

<sup>2</sup> Informação retirada do blog Focus TDAH, do site da UFRGS. 2022. <<https://www.ufrgs.br/blogtdah/2022/06/23/tdah-e-foco/#:~:text=A%20previsibilidade%20da%20rotina%20melhora,fun%C3%A7%C3%B5es%20executivas%20afetadas%20pelo%20TDAH>>. Acesso em: 29/06/2025

descobri que a minha turma não teria aula pois participariam de um campeonato de basquete que duraria o período vespertino todo.

(...) encontrei minha professora supervisora que assim que me olhou, disse que não tinha lembrado de me avisar que naquela sexta-feira teria eliminatórias de basquete e quando isso acontecia, as turmas se juntavam na aula de educação física para competir entre eles, por isso, eu não daria aula aquela sexta. No momento acabei ficando desconcertada. (Relatório de estágio)

Para amenizar as imprevisibilidades, possuo um hábito de manter rotinas pessoais que estão dentro do meu controle como: o horário que eu sempre chego, os 30 minutos que convívio na sala de hora-atividade que serve para eu me preparar para a aula que terei, entre outros. Assim, consigo segurança mesmo em meio a imprevisibilidade do ambiente escolar.

Outro incômodo gerado pela imprevisibilidade foi a falta de comunicação entre universidade e escola, mesmo com todos os termos e documentos que foram assinados para a autorização do estágio dentro da escola escolhida entregues para a secretaria da educação e para a escola, ainda me deparei com situações como a diretora não saber que turma e horários eu iria atuar, uma decisão que na universidade eu pude tomar com liberdade, mas que não foi repassada à escola. Por sorte fui muito bem recebida pela professora supervisora que não foi avisada previamente da minha chegada (mesmo a escola já sabendo da minha vinda). A falta de preparo para a minha chegada desencadeou inseguranças da minha parte, principalmente por achar que a minha presença ali era incômoda, o que reforçou meus sintomas de ansiedade e conseqüentemente medo. “Quando a ansiedade é demonstrada e percebida em situações sociais, há uma grande probabilidade do indivíduo temer a avaliação negativa dos outros” (Clark; Beck, 2012 apud Campos et. al., 2021, p.186).

O tempo também afeta esta parte da minha vida, pois em meu primeiro contato com a escola, descobri que minhas aulas ocorreriam em um tempo muito mais curto em relação às outras aulas por conta do intervalo. Isto, junto a precisar de um tempo a mais para pensar e poder agir com melhor consciência em determinadas situações, me gerava intensa frustração sobre minha gestão de tempo e sala de aula. Por sorte, este foi um assunto muito conversado em momentos de trocas com pares nas aulas de Estágio Supervisionado I. Saber que estas dificuldades de manejo de tempo também apareciam com outros estagiários me

deixava tranquila em entender que este processo de constante adaptação faz parte da construção da profissionalidade.

Lembro-me de um dia que a turma estava completamente agitada e o planejamento para a aula acabou sendo feito de forma muito parada, isso me dificultou muito pois não conseguia manter o foco e a atenção das crianças para explicar a atividade. Nesta aula, meu plano de aula também saiu do controle pois eu não tinha me preparado e levado uma caixinha de som (que era um recurso essencial para a aula planejada). Eu perdi muito tempo tentando resolver este problema e precisei improvisar o restante da aula, sem conhecimentos suficientes para tal ato, me gerando um momento de extrema frustração.

Existiu um momento em que eu realmente desisti e fiquei parada, olhando para os que estavam quietos, pois era muito som e eu não conseguia recuperar a atenção deles. A aula como um todo deu uma boa desmotivada e me deixou com dúvidas sobre a dinâmica que ando levando para a sala de aula. (Relatório de estágio)

Todas estas situações em que não consigo ter uma boa gestão de sala, ou que meus planos não funcionam e eu preciso improvisar acabam reforçando o medo de não estar cumprindo o objetivo de ensinar. Principalmente quando nas aulas de estágio, onde temos um espaço para trocas, mesmo com dificuldades semelhantes acabo sempre me comparando com o outro, percebendo que minhas formas de agir, pensar e lidar com estas situações são diferentes de como meus colegas reagem. Esse sentimento amplifica a sensação de insegurança e baixa autoestima que eu naturalmente sinto por muitas vezes me achar insuficiente em minha atuação como professora.

Machuca ver que todo mundo consegue, menos você. É um grande golpe na sua autoestima e autoconfiança, no seu sentimento de valor, e até na sua motivação para continuar tentando vencer desafios e dificuldades como essas. (Magliano, 2022, p.24)

Apesar de tudo, estes desencontros de energia da turma e energia do plano de aula, troca de pares e reflexões com minha orientadora, me fizeram rever meu planejamento de aula, preparando aulas mais recheadas, me inteirando mais sobre o que os alunos gostavam e assim, trazendo propostas mais atrativas, como o dia que eu levei minha pelúcia do dragão Banguela, personagem do filme “Como treinar seu dragão”. As crianças amam este mascote

e agora, utilizo ele em todas as minhas aulas como recurso para que eles prestem atenção e se interessem pelas atividades (e dá certo viu?!).

Isto, junto a muitas outras adaptações que precisei lidar ao longo do estágio me fez desenvolver com mais segurança minha postura docente. Uma das características importantes para a formação de minha profissionalidade

A postura do professor, a forma como ele se relaciona com o conhecimento e com os alunos interfere em todo o processo pedagógico. Numa palavra, “a relação ética com o conhecimento gera interesse, disposição para aprender, participação e envolvimento”. (Pires, 2015b, p.58 apud Pires, 2020, p.149)

### **Sensibilidade Sensorial**

Outros momentos que percebo um desempenho particular meu é em relação a gestão e relação com as turmas que eu e meus colegas atuamos. O ambiente escolar é algo extremamente agitado, são crianças brincando e correndo, cartazes espalhados por toda a escola, instrumentos desorganizados na sala, professoras gritando, todos estes estímulos sensoriais me atravessam de modo certo, afetando meu processamento cognitivo.

Muitas vezes em minha vida precisei fugir de lugares barulhentos, interromper conversas ou apenas fechar meus olhos e me dissociar por conta do excesso de barulho ao meu redor que me impedia de continuar vivendo normalmente. Isto aconteceu em sala de aula este semestre, em uma situação em que meus alunos estavam extremamente agitados, não prestavam atenção em mim e não me ouviam, para agregar a esta situação eu estava sentindo cólicas - lembra da sensibilidade sensorial? eu sentir incômodo físico também afeta meu raciocínio. Em um determinado momento, onde depois de passar muito tempo chamando a atenção dos alunos e tentar mantê-los concentrados em mim por tempo suficiente para explicar a atividade, acabei me perdendo em pensamentos e desistindo. Eu me mantive quieta, fechei meus olhos, suspirei em um determinado momento até mesmo cobri meus ouvidos, percebendo minhas reações alguns alunos chamaram a atenção dos colegas, foi onde eu consegui acalmá-los e silenciá-los dizendo que tinha um segredo para contar. Com todos concentrados em mim, compartilhei que não consigo pensar e agir com tanto barulho, também compartilhei sobre a dor que estava sentindo no momento. Este momento foi crucial não só para o andamento da aula, mas também com minha relação com os alunos. Sinto que

sempre que eu compartilho com sinceridade meus sentimentos com eles, crio um vínculo maior de segurança, atualmente, eles já se acostumaram com o modo que eu reajo a aula, sem gritar muito, sem falar muito alto, já se acostumaram com o modo que eu chamo atenção deles (sempre com alguma dinâmica ou brincadeira).

Essa experiência mostra que as características que esforçava para esconder, podem ser bem recebidas pelos alunos. Aprendi que jogar aberto com meus alunos, ouvindo as necessidades deles e também deixando-os saber das minhas, pode ser potente para o processo de ensino e aprendizagem. Que juntos professores e alunos possam criar um ambiente colaborativo confortável para todos. Como afirma Nair Pires (2015, p.55) “a mediação do corpo do professor parece fazer a diferença na situação didática, pois, como afirma essa autora, através da linguagem corporal, os alunos apreendem uma personalidade que pode favorecer ou dificultar a relação que se estabelece com o conhecimento.”

### **Relações sociais e Ansiedade**

Já a ansiedade social acaba me prejudicando com as relações sociais que o ambiente escolar precisa que eu tenha, como contato com as professoras e até mesmo com os alunos. É sempre um desconforto chegar na sala de hora atividade e não saber como cumprimentar - Se relaciona com o medo frequente em mim gerado pelo transtorno de ser julgada pelo modo como eu falo e como eu posso agir - ou que assunto puxar, além de não conseguir adentrar assuntos que estão sendo comentados pelas docentes pelo medo de falar algo impróprio e a vergonha gritante que existe em mim.

Novamente me senti um pouquinho deslocada dentro daquela sala, pois tinha outras professoras ali que não tinha interagido, como eu falo baixo, meu bom dia as vezes sai quase que silencioso, então fui cumprimentando as professoras de acordo como quando elas me olhavam. [...] Quando percebi que a minha professora supervisora chegou para o intervalo fui cumprimentar ela, novamente, não sabia muito bem como iniciar uma conversa e como ela estava engajada em uma conversa, não sabia que hora interromper ou como. (Relatório de estágio)

O fato de não me sentir pertencente à sala dos professores acaba por ser um obstáculo na consolidação de minha identidade profissional uma vez que um dos caracterizadores da profissão, a pertença a um corpo coletivo (Roldão, 2005,p.109) fica fragilizado ou ocorre de

maneira mais lenta comparado a quem desempenha essas habilidades sociais com menos esforço, um momento que isso ficou mais marcado foi quando para sair da escola precisava que alguém abrisse o portão da escola, mas não havia ninguém na secretaria da escola, eu ouvia vozes de professoras na sala da diretora mas o medo de interromper uma possível reunião foi tanta que passei 10 minutos completamente estática, até que uma professora passou por mim e consegui pedir que ela abrisse a porta. São estas situações que me diferenciam de pessoas que não tem suas atividades diárias da vida prejudicadas por estes medos e sintomas do transtorno. Hoje, o tratamento terapêutico me auxilia em achar recursos para me preparar para situações similares, o que me deixa mais calma e tranquila por agir de forma mais reservada e quieta (uma característica natural minha), além de também me dar mais confiança para agir também de um jeito mais espontâneo.

### **Uma possível consideração final**

Neste relato compartilhei reflexões geradas durante a disciplina de Estágio Supervisionado I, onde por meio de trocas de pares em horários de aulas, encontros com minha professora orientadora e a prática de ensinar pela primeira vez em uma escola de ensino básico, percebi em minhas percepções como algumas coisas afetam mais minha profissionalidade docente. Por isso, estabeleci como objetivo neste relato, entender meu processo de construção profissional e compartilhar como as características que me constituem influenciam as características da profissão docente.

É por meio dessas relações escolares que me conecto ainda mais com a aprendizagem. E mais forte ainda que o sentimento de frustração que aparece de vez em quando em meu trajeto, é a realização pessoal por cumprir os desafios docentes de forma eficiente e própria, sem desrespeitar minha forma de pensar, agir e ensinar.

Não acho que a forma como as disciplinas de estágio é conduzida se realize de maneira errada, mas alerta que as particularidades sobre nossos alunos, principalmente crianças e adolescentes que tanto aprendemos na graduação de licenciatura - principalmente em minha universidade - também estão presentes nos alunos do ensino superior e o olhar sensível docente deve também ser aplicado aos licenciandos que estão construindo sua identidade docente.

Aliás, creio que esse é um dever nosso [professores], de buscar ter um olhar mais sensibilizado para o outro justamente porque o sistema sempre marginalizou qualquer pessoa que não se encaixasse num padrão, o sistema marginaliza quem não o é “útil” e explora quem é, e isso está tão arraigado nas dinâmicas da nossa sociedade que a gente não percebe. (Magliano, 2022, p. 51)

Não existe um padrão de pessoas neurotípicas, como também não existe um padrão para pessoas neurodivergentes, acho que o ponto principal da questão é que cada indivíduo é diferente do outro, e por estarmos sempre em continuidade em nossa construção docente devemos ter a responsabilidade de se atentar as diversas maneiras que cada um terá de aprender. Certa de que o processo de se constituir no mundo é longínquo, retomo minha expectativa de não encerrar essa discussão com esse texto, mas contribuir para pensar minha formação enquanto professora de música e possivelmente uma educação acolhedora e humanizadora para alunos e professores.

## Referências

ALVES, Wanderson Ferreira. Retorno sobre o tema da natureza e especificidade do trabalho docente. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v.40, 2024. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-469845870>>. Acesso em: 27 jun 2025.

CAMPOS, Luís Antônio Monteiro; AMORIM, Gilmara Marchetti; LOPES, Jesiane de Souza Martins; SILVA, José Carlos Tavares da. Ansiedade social: o que a boca não fala o corpo sente. *recima21 Revista Científica Multidisciplinar*. v.2, n.3, 183-197, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.47820/recima21.v2i3.159>>. Acesso em: 17 jun 2025.

MAGLIANO, Giovanna. *NÃO É PREGUIÇA! Reflexões no cruzamento entre TDAH e práticas teatrais*. João Pessoa, Repositório Institucional da UFPB, 2022. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/32145>> . Acesso em: 17 jun 2025.

OLIVEIRA, Ana Luiza Brito; BARROZO, Sara Caroline Vasconcelos; FARIAS, Ruth Raquel Soares; BRANCO, Gislene Mariana Pereira Castelo; RIBEIRO, Lucas Lima; NUNES, Caroline Cabral. O impacto do TDAH - Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade na vida adulta: Uma revisão integrativa de literatura. *Revista Ibero-americana de Humanidades, Ciências e Educação*, São Paulo, V.10, n.08, ago. 2024. Disponível em:<[doi.org/10.51891/rease.v10i8.15094](https://doi.org/10.51891/rease.v10i8.15094)>. Acesso em: 17 jun 2025.

PIRES, Nair. *A formação inicial do professor de música: A profissionalidade em questão*. XXII Congresso Nacional da ABEM, Educação musical: formação humana, ética e produção de conhecimento., 2015, v.5, Natal/RS.

PIRES, Nair. A profissionalidade emergente: A expertise e a ética profissional em construção no Pibid Música. *Revista da ABEM*, Londrina, v.23, n.35, 49-61, jul. dez 2015. Disponível em: <<https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/552>>. Acesso em: 20 jun 2025.

PIRES, Nair. *A profissionalidade emergente dos licenciandos em música: conhecimentos profissionais em construção no PIBID música*. 2015. 324 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

PIRES, Nair. A construção da profissionalidade docente no estágio supervisionado. *Revista triângulo*, v.13, n.1, 140-159, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.18554/rt.v0i0.4360>>. Acesso em: 24 jun 2025.

ROSA, Maria Paula Cipriano Alves; TEIXEIRA, Thaiana da Costa; JUNIOR, Wladimir Pereira Courte; ROCHA, Danyelle de Oliveira; BATISTA Iury Gabryell Nunes; LEITE, Cláudia Roldão; QUEIROZ, Thaynná Cordeiro; LIMA, Thiara Dayse Matias de; AIRES, Vinicius Silveira; CARMO, Anne Caroline Costa da Silva; ISAAC, Ana Clara Cordon; SANTOS, Sabrina Rodrigues; FIGUEREDO, Nathalya Porto; ARAÚJO, Andressa David Ornelas; SILVA, Anna Kariny Ribeiro da. Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade: O diagnóstico na fase adulta. *Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences*, v.6, n.8, 3300-3315, ago 2024. Disponível em: <<https://doi.org/10.36557/2674-8169.2024v6n8p3300-3315>>. Acesso em 17 jun 2025.

ROLDÃO, Maria do céu. Profissionalidade docente em análise: Especificidades dos ensinos superior e não superior. *Revista Nuances: estudos sobre educação*, v. 12, n. 13, p. 105-126, 2005.

SILVA, Vivian Marques; SOUZA, Marianna Ramalho de; NETO, Carmine Martuscello. Uma análise dos transtornos de ansiedade: ansiedade generalizada, pânico e ansiedade social. *Revista eletrônica Acervo Médico*, v.3, 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.25248/REAMed.e13531.2023>>. Acesso em: 17 jun 2025.

VASCONCELLOS, Silvio José Lemos; SANTANNA, Rafaella Valli; LUCCHESI, Vanessa Cirolini; SCHNEIDER, Juliana Thais; FERREIRA, Stephane Mossmann; NECO, Xasmênia Silva. Personalidade, ansiedade social e adaptação às medidas de distanciamento durante a pandemia. *Psico-USF, Bragança Paulista*, v. 27, n. 4, p. 779-790, out./dez. 2022.